

4

Sustentabilidade na Pós-Modernidade

De acordo com o pensamento de Kumar¹⁰³, temos escutado afirmações, de diferentes autores, de que as sociedades do mundo ocidental ingressaram em uma nova era de sua história. As sociedades industriais passaram por mudanças tão profundas que não podem mais ser aceitas pelos velhos nomes, nem estudadas no contexto de antigas teorias. Assim sendo, essas sociedades seriam apresentadas como: “pós-industriais”, “pós-fordistas”, “pós-modernas” e mesmo “pós-históricas”.

A palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico.

Pós-Modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. [...] Vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo.¹⁰⁴

Se a revolução industrial, conforme advoga Barbosa¹⁰⁵ - introduzindo o pensamento de Lyotard¹⁰⁶ - “nos mostrou que sem riqueza não se tem tecnologia ou mesmo ciência, a condição pós-moderna nos vem mostrando que sem saber científico e técnico não se tem riqueza”. Desta forma o grande fator competitivo entre as nações não se reduzirá aos bens de consumo ou à matéria-prima produzida, mas à quantidade de informação técnico-científica que passará ao estatuto da nova mercadoria. Por conseguinte, o que importa não são os grandes discursos possuidores de *verdades*. O que importa agora é localizar o erro no sentido de aumentar a eficácia, ou melhor, a potência. O pensamento de Lyotard se identifica com a reflexão que salientamos, ao final do capítulo anterior, sobre a

¹⁰³ KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

¹⁰⁴ EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.7.

¹⁰⁵ BARBOSA, Wilmar do Valle. *Tempos pós - modernos*. In LYOTARD, Jean François. *A Condição Pós Moderna*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002.

¹⁰⁶ LYOTARD, Jean François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002, *passim*.

importância da formulação dos problemas para iniciarmos uma atitude transformadora.

Abrimos um espaço no desdobramento do pensamento de Lyotard para ressaltarmos o comentário de Japiassu sobre a mesma questão:

Se forem as idéias que movem as coisas, são os elaboradores de idéias, os que nada sabem fazer, senão pensar, que fornecem os mais poderosos instrumentos para que o mundo seja feito, refeito e transformado. Não há soluções, senão quando houver problemas: é saber formulá-los. Para formulá-los, é necessário o pensamento. E é o pensamento que forja as opiniões e elabora os valores que comandam a ação daqueles que encontram soluções e tomam decisões.¹⁰⁷

Para Lyotard¹⁰⁸ o saber muda de estatuto ao ingressar na idade pós-moderna, por conta do grande impacto exercido pelas transformações tecnológicas. O saber passa a assumir o atributo de valor de troca, antes característica dos bens tangíveis. O saber passa a ser comercializado, exercendo um papel de principal força produtiva. Continuando seu discurso, Lyotard¹⁰⁹ reformula a dicotomia entre saber/ignorância para conhecimentos de pagamento/conhecimentos de investimento. Portanto, na sociedade pós-moderna conhecimentos são trocados, ocorrendo uma reconstituição da força de trabalho.

Conforme disserta Harvey¹¹⁰, o Pós-Moderno privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural. Desta forma, a fragmentação se impõe a todos os discursos universais. A própria fragmentação se instala como núcleo axial da Pós-Modernidade. As variáveis, tempo e espaço serão, a partir deste viés, delineadas de forma diferenciada.

Se, vivemos, conforme Bauman¹¹¹ relata, a Era da Modernidade Líquida, o que importa é o fator *tempo*, e não mais o *espaço*. Este pertence à Era Sólida,

¹⁰⁷ JAPIASSU, Hilton Ferreira. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1991, p.183.

¹⁰⁸ *Op.cit., passim*.

¹⁰⁹ *Ibidem, passim*.

¹¹⁰ HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução Adail Ubirajara ; Maria Stela Gonçalves. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

¹¹¹ BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

mecanicista. Fluidos não se fixam no espaço, preenchem-no apenas num dado momento, para logo em seguida se modificarem.

No domínio da produção de mercadorias, o efeito primário foi a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade (alimentos e refeições instantâneas e rápidas e outras comodidades) e da descartabilidade (xícaras, pratos, talheres, embalagens, guardanapos, roupas etc.). A dinâmica de uma sociedade “do descarte”, como a apelidaram escritores como Alvin Toffler (1970), começou a ficar evidente durante os anos 60. Ela significa mais do que jogar fora bens produzidos (criando um problema monumental sobre o que fazer com o lixo); significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, pessoas e modos adquiridos de agir e ser.¹¹²

Após este breve relato sobre a pós-modernidade, iremos nos reportar ao conceito de sustentabilidade. Iniciaremos este percurso através do pensamento de Sachs¹¹³ sobre este tema. O autor disserta que “*estamos na fronteira de um duplo imperativo ético: a solidariedade sincrônica com a geração atual e a solidariedade diacrônica com as gerações futuras*”. Sachs finaliza seu pensamento introduzindo a terceira preocupação ética, reportando-se a Kothari¹¹⁴, que vincula o respeito à diversidade do fluxo da natureza ao respeito à diversidade de culturas e sustentação da vida. Estes fatores formariam a base não apenas da sustentabilidade, mas, também, da igualdade e da justiça.

Sustentabilidade é um termo complexo porque não estamos tratando de um estado estático, de simplesmente manter alguma coisa. O termo sustentabilidade geralmente é usado como o equivalente de salvaguardar a natureza, ou manter o *status quo*. Esse não é um conceito dinâmico e não está correto porque tudo está em evolução, em desenvolvimento. A sustentabilidade tem que ser, realmente, um desenvolvimento que é sustentável. Um tipo de desenvolvimento com o qual podemos arcar hoje que não seja às custas do amanhã.¹¹⁵

Para entendermos melhor a importância do tema da sustentabilidade em todos os campos do conhecimento, faz-se necessário pontuar seu surgimento. A expressão desenvolvimento sustentável aparece pela primeira vez em 1980, no

¹¹² HARVEY, David, *op. cit.*, p.258.

¹¹³ SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Org. Stroh, Paula Yone. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, p.67.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.67.

¹¹⁵ Ervin László. Entrevista concedida à revista Página 22- FGV- Centro de Estudos em Sustentabilidade- outubro de 2007- Presidente do Clube de Budapeste: uma associação humanista que reúne cientistas, escritores, empresários, líderes políticos e espirituais.

documento denominado *World Conservation Strategy*, produzido por um organismo privado de pesquisa, a Aliança Mundial para a Natureza (UICN) e o *World Wildlife Fund* (hoje, *World Wide Fund for Nature - WWF*) por solicitação do PNUMA¹¹⁶. Neste documento, uma estratégia mundial para a conservação da natureza foi traçada definindo-se três objetivos principais: manter os processos ecológicos essenciais e os sistemas naturais vitais necessários à sobrevivência e ao desenvolvimento do ser humano; preservar a diversidade genética; assegurar o aproveitamento sustentável das espécies e dos ecossistemas que constituem a base da vida humana. A frase a seguir tornou-se a célebre definição, sucinta, do que passou a ser entendido como desenvolvimento sustentável.

Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades.

Relatório Nosso Futuro Comum¹¹⁷

Estilos alternativos de desenvolvimento foram propostos, e tiveram como vetor principal a Comissão Brundtland (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano - CMMAD), presidida por Gro Harlem Brundtland¹¹⁸, criada em 1983. Esta Comissão encerrou seus trabalhos em 1987 e o seu relatório final, denominado *Nosso Futuro Comum*, teve como núcleo central a formulação dos princípios do desenvolvimento sustentável:

retomada do crescimento como condição necessária para erradicar a pobreza; mudar a qualidade do crescimento para torná-lo mais justo, equitativo e menos intensivo em matérias-primas e energia; atender às

¹¹⁶ O PNUMA, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente foi criado em 1972, como resultado da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo. Tem trabalhado em conjunto com outros membros do Sistema das Nações Unidas, desenvolvendo atividades em prol do Meio Ambiente, e promovido novos relacionamentos entre cientistas, autoridades governamentais, empresários, parlamentares, engenheiros e economistas. Procura o equilíbrio entre interesses nacionais e o bem global, objetivando unir as Nações para que enfrentem os problemas ambientais comuns.
Disponível em: <http://www.brasilpnuma.org.br>. Acesso 30 out. 2007.

¹¹⁷ COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Nosso Futuro Comum*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. p.46.

¹¹⁸ Brundtland foi a primeira mulher a ser nomeada primeira-ministra da Noruega. Entre 1974 e 1979, foi ministra do Meio Ambiente num executivo social democrata sem maioria parlamentar. Foi chefe do governo em 1981, de 1986 a 1989 e de 1990 a 1996. Obteve grande prestígio internacional como presidente da Comissão para o Meio Ambiente da ONU, depois de tornar público seu relatório sobre meio ambiente em 1987.
Disponível em: http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_143.html. Acesso 30 set.2007.

necessidades essenciais de emprego, alimentação, energia, água e saneamento; manter um nível populacional sustentável; conservar e melhorar a base de recursos; reorientar a tecnologia e administrar o risco; incluir o meio ambiente e a economia no processo de tomada de decisões.

A questão inicial a ser ressaltada diz respeito à configuração das três dimensões da Sustentabilidade conhecidas como triple bottom line: a social, a ambiental e a econômica. Desta forma, costuma-se afirmar que um projeto, um produto, uma ação ou um sistema, para que esteja de acordo com os parâmetros da sustentabilidade, necessita se apresentar como sendo socialmente justo, ambientalmente correto e economicamente viável. Aqui cabem algumas indagações: socialmente justo, para quem? Ambientalmente correto, em que cenário? Economicamente viável, em que contexto?

Ao revisitarmos o conceito de desenvolvimento sustentável que promoveu a inserção do paradigma da sustentabilidade em todos os campos do conhecimento, faz-se necessário apontar o surgimento de uma noção diferenciada acerca do que se denomina “progresso”. Sobre este substantivo, relatarei um fato por mim presenciado que, neste caso, mostra-se bastante significativo: estava no Rio de Janeiro, no Museu do Índio, travando conhecimento com uma tribo indígena denominada Fulni-ô, oriunda de Águas Belas, no Estado de Pernambuco. De repente, surge uma educadora, solicitando a um índio que dissesse, na sua língua de origem, a palavra “progresso”. O índio, surpreso, declarou: “É difícil. Não sei. Na nossa língua não temos esta palavra, nem esta compreensão”. Ou seja, o nosso padrão civilizatório construiu normas e estratégias para representar um caminho a ser percorrido através de um processo comparativo. Para a cultura indígena, *progresso* se perde no vazio da sua falta de representação.

Em nossa cultura, *progresso* esteve vinculado (e por muitos segmentos institucionais ainda se encontra vinculado) à idéia de *crescimento*. A introdução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e não somente o Produto Interno Bruto (PIB) como critério de avaliação de uma nação, permitiu uma ruptura naquilo que antes representava apenas um acúmulo de riquezas tangíveis. Variáveis que expõem o desenvolvimento de uma nação através de índices de expectativa de vida, educação e saúde imprimem outro significado à palavra desenvolvimento.

O desdobramento desta forma de pensar coloca o indivíduo como o núcleo axial desta questão. Sendo assim, desenvolvimento passou a ser distinto de crescimento. Crescer, progredir, não são condições eficientes e, muitas vezes, não necessárias para se atingir o desenvolvimento, nesta nova compreensão.

Neste contexto, cabe reproduzir a ressalva apontada por Veiga¹¹⁹ sobre o Índice de Desenvolvimento Humano lançado pelo PNUD¹²⁰ no ano de 1990, e em constante atualização:

O principal defeito do IDH é que ele resulta da média aritmética dos três índices mais específicos que captam renda, escolaridade e longevidade. Mesmo que se considere inevitável a ausência de outras dimensões do desenvolvimento para as quais não há disponibilidade de indicadores tão cômodos – como a ambiental, a cívica ou a cultural -, é duvidoso que seja essa média aritmética a que melhor revele o grau de desenvolvimento atingido por uma determinada coletividade. Ao contrário, é mais razoável que o cerne da questão esteja justamente no possível descompasso entre o nível de renda obtido por determinada comunidade e o padrão social que conseguiu atingir, mesmo que revelado apenas pela escolaridade e longevidade.

Todavia, percebe-se a enorme dificuldade em se criar índices representativos de uma cidade ou nação de forma comparativa, já que as diferenças territoriais determinam fatores não lineares. O Índice de Desenvolvimento Social e o Índice de Desenvolvimento Ambiental são exemplos que não estão aferidos no Índice de Desenvolvimento Humano. A discussão acerca destes indicadores não será objeto de estudo desta tese. Porém, ressaltamos o esforço e os malabarismos que são impostos a estes profissionais envolvidos na elaboração destes indicadores.

Recorremos a algumas articulações de Celso Furtado sobre o tema do desenvolvimento. Cabe ressaltar, contudo, que não há, nesta tese, nenhuma pretensão de aprofundamento nas conceituações econômicas do referido autor. Contudo, é relevante, para este trabalho, apresentar seu pensamento sobre a questão do desenvolvimento e da industrialização.

¹¹⁹ VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p.88.

¹²⁰ Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Sendo assim, conforme relata Furtado¹²¹, o crescimento econômico se encontra atrelado à preservação das elites, que por conta deste crescimento, “*satisfazem seu afã de modernidade*”. Em contrapartida, para que ocorra desenvolvimento é imprescindível “a existência de *um projeto social subjacente*”. Quando a disposição de recursos se direciona de forma prioritária à realização de projetos sociais, “*o crescimento se metamorfoseia em desenvolvimento*”. Mas, acentua o autor, esta metamorfose só terá chances de ocorrer como “*expressão de uma vontade política*”.

De acordo com Furtado¹²², o que impulsiona o desenvolvimento provém da harmonia do sistema produtivo, cujo fator principal é constituído pela própria industrialização. Mas, a esta afirmação Furtado coloca um questionamento: “*o problema crucial é definir o tipo de industrialização capaz de gerar o verdadeiro desenvolvimento*”.

Este questionamento será a provocação para desenvolvermos, neste mesmo capítulo, a reflexão sobre a atuação das associações comunitárias como parte do processo de flexibilização do modelo produtivo capitalista.

É importante acentuar que, nesta tese, a reflexão que se pretende desenvolver diz respeito à forma com que o campo do Design colabora no processo de inserção das associações comunitárias na cadeia produtiva. Para tanto, o designer precisa conhecer não somente o processo industrial que insere estas associações, mas pesquisar o sujeito - como agente social - que está na outra ponta da linha. Este sujeito que se apresenta, por um lado carregado de conhecimento tradicional e, por outro, fragilizado com as intervenções que são provocadas nas comunidades, tanto pelas empresas, como, também, pelos próprios designers. Sobre esta questão ressaltamos que, não basta ao designer *colar* ao seu projeto adjetivos com a finalidade de agregar valor ao seu trabalho, como: design verde, ecológico, sustentável ou consciente. Há que fundamentar estes adjetivos, para não se tornarem meras etiquetas mercadológicas.

¹²¹FURTADO, Celso. *Os Desafios da Nova Geração*. In: Revista de Economia Política. Vol. 24, nº4 (96) outubro - dezembro 2004, p.484.

¹²² *Idem*. *Introdução ao Desenvolvimento: enfoque histórico- estrutural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 3ª ed. revista pelo autor. p.23.

O problema aqui exposto, acerca da compreensão do que seja *desenvolvimento* tem por objetivo colocar em pauta, inicialmente, a dependência deste termo com o contexto cultural e as estruturas sociais em que está inserido. Sobretudo porque é imposta uma visão de modos de desenvolvimento hegemônicos, vindo de outros países, criando, por vezes, distorções do que seja adequado para populações com as mais diferenciadas estruturas culturais e sociais. E na cadeia do dominó, o Design, neste cenário, absorve essa simplificação como verdade inquestionável.

A compreensão do termo desenvolvimento, torna-se ainda mais difícil quando unimos a ele o atributo sustentável.

Monstrengo enviado para punir o povo de Tebas por ter afrontado os deuses, a Esfinge tinha cabeça e seios de mulher, corpo e patas de leoa, e asas de águia. Instalada às portas da cidade, ela exigia que seus melhores jovens a enfrentassem. Todos eram impiedosamente trucidados porque não conseguiam responder ao enigma que ela lhes propunha. Desgraça que só terminou quando apareceu um esperto rapaz, vindo de Corinto e chamado Édipo. Ele matou a charada, provocando o suicídio da fera. O resto da lenda é bem conhecido. Pois bem, o “desenvolvimento sustentável” também é um enigma à espera de seu Édipo.¹²³

A quem interessa decifrar este enigma? Aquelas nações que assumiram compromissos com o Protocolo de Quioto¹²⁴? Aquelas nações que comercializam créditos de carbono¹²⁵? Aquelas nações que, através de

¹²³ VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p.13.

¹²⁴

O Protocolo de Quioto - assinado em 1997, na cidade japonesa de Quioto- é um Tratado ambiental que tem como objetivo estabilizar a emissão de gases de efeito estufa (GEE) para a atmosfera e assim reduzir o aquecimento global e seus possíveis impactos. É considerado o Tratado sobre meio ambiente de maior importância lançado até hoje.[...]. Os países desenvolvidos que ratificaram o tratado têm o compromisso de diminuir suas emissões de GEE numa média de 5,2% em relação aos níveis que emitiam em 1990. E têm um prazo final para cumprir a meta: entre 2008 e 2012. Disponível em:

http://www.conpet.gov.br/quioto/noticia.php?segmento=corporativo&id_noticia=242. Acesso 30 out. 2007.

¹²⁵ O gás carbônico -principal responsável pelo efeito estufa, fenômeno que causa o temido aquecimento global - vai fazer subir a temperatura do mercado de capitais. [...]. Estima-se que esse novo mercado vá movimentar mais de US\$ 10 bilhões a partir de 2008, quando efetivamente passam a valer as regras do acordo internacional.[...] o Protocolo, prevê em seu artigo 12, um instrumento de compensação do carbono jogado na atmosfera, conhecido como Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL). Trocando em miúdos: para que empresas não entrem em colapso e possam compensar seus altos níveis de emissão de carbono, os países desenvolvidos devem adquirir os chamados créditos de carbono, gerados com projetos que aprisionem ou seqüestrem os gases. O mercado que negocia créditos de carbono já é uma realidade. Hoje o Banco Mundial negocia créditos a preços que vão de US\$ 3,5 a US\$ 5 por tonelada de carbono seqüestrada da atmosfera. No âmbito da União Européia os preços variam

mecanismos mirabolantes, adquirem o patrimônio genético brasileiro?¹²⁶ Ou aquelas nações que começam a perceber milhões de pessoas, em nosso planeta, vivendo com menos de dois dólares por dia?

A partir desta introdução, necessária para a conceituação da pós-modernidade, do desenvolvimento e da sustentabilidade, iniciamos uma trajetória pontuada por algumas questões que pertencem a este cenário. Estas questões foram intencionalmente recortadas, para que o Design entre em cena através da reflexão sobre a utopia na sustentabilidade e o mal-estar da globalização. Num segundo momento deste capítulo, procuramos refletir com pensadores que apresentam propostas questionadoras no enfrentamento do cenário da (in)sustentabilidade. Sendo assim, denominamos este espaço de reflexão como a (des)construção do cenário da sustentabilidade.

entre € 5 e € 9 por tonelada. Para a advogada ambientalista Lourdes Alcântara Machado, do Demarest & Almeida, a diferença é que, com a ratificação, "passa a existir uma demanda concreta de países que precisam, por lei, adquirir créditos de carbono para compensar sua emissão".[...] O mercado de créditos de carbono vai gerar negócios para as mais diversas áreas. Escritórios de advocacia, consultorias e empresas de reflorestamento, por exemplo, já movimentam recursos humanos de olho nesse nicho há algum tempo. Afinal, dinheiro pode até não nascer em árvores, mas, no mundo atual, o simples processo da fotossíntese passou a ter peso de ouro. *Texto publicado da revista Update, da Câmara Americana de Comércio. Revista Consultor Jurídico*, 16 de fevereiro de 2005.

¹²⁶ Agência Câmara - A Medida Provisória 2186/01 editada pelo Governo considera **patrimônio genético** as informações de origem genética contidas em amostras do todo ou de parte de espécime vegetal, fúngico, microbiano ou animal, na forma de moléculas e substâncias provenientes do metabolismo desses seres vivos e de extratos obtidos desses organismos vivos ou mortos, encontrados em condições in situ (no lugar), inclusive domesticados, ou mantidos em coleções, desde que coletados no território nacional, na plataforma continental ou na zona econômica exclusiva. **Também são patrimônio a informação ou prática de comunidade indígena ou local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético (conhecimento tradicional associado)**; e, ainda, o acesso ao conhecimento tradicional associado para fins de pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico ou bioprospecção, visando sua aplicação industrial ou de outra natureza.

Disponível em: <http://www.brasiloste.com.br/noticia/238/> Acesso 30 out. 2007.

[...].O açaí é, de novo, brasileiro. A frutinha típica da Amazônia estava, desde 2003, registrada no Japão como marca de propriedade da empresa K.K. Eyela Corporation. O **Departamento de Patrimônio Genético do Ministério do Meio Ambiente** informou que o registro da marca "açaí" foi cancelado por ordem do Japan Patent Office, o escritório de registro de marcas do Japão. [...]. "Isso criou um problema moral e econômico para o País. Se algum produtor quisesse exportar açaí para o Japão, teria de inventar outro nome ou pagar royalties para a dona da marca", explica Eduardo Veléz, diretor de patrimônio genético do Ministério do Meio Ambiente. Segundo Veléz, isso estava sendo usado "de forma perversa" como barreira não tarifária. O Ministério do Meio Ambiente credita a vitória aos esforços da embaixada brasileira no Japão, que vem desenvolvendo um trabalho envolvendo também outros dois ministérios - Relações Exteriores e Indústria e Comércio - para alertar os escritórios de registros de marca ao redor do mundo sobre o registro indevido de componentes da biodiversidade nacional. Disponível em: http://www.anelmarcas.com.br/conteudo.php?codigo_con=245&tipo=n&categoria=o Acesso 30 out. 2007.

4.1

A utopia na sustentabilidade e o mal-estar da globalização

Herbert Marcuse¹²⁷ pertence a uma escola considerada radical: A Teoria Crítica. Esta escola dá ênfase à transformação social, refutando as teorias convencionais. A teoria crítica está historicamente associada ao Instituto de Pesquisas Sociais, fundado em 1923 em Frankfurt, Alemanha, e conhecido como Escola de Frankfurt. Marcuse tornou-se mentor da Nova Esquerda americana e europeia, assim como dos movimentos estudantis de protesto na década de 1960. Em sua obra mais célebre, *One-Dimensional Man* (1964) - traduzido para o português com o título *A Ideologia da Sociedade Industrial*¹²⁸, Marcuse acusava os cidadãos da sociedade capitalista moderna de não serem mais indivíduos autônomos, mas objetos manipulados por todos os instrumentos de que faz uso o modelo consumista da sociedade industrial.

No *Fim da Utopia*¹²⁹, Marcuse defende a tese de que o projeto utópico de uma sociedade livre, de indivíduos livres se encontra ao alcance do mundo contemporâneo. Este ensaio baseia-se numa palestra proferida pelo autor na Universidade de Berlim, em 1967, tendo sido publicado em 1969. O fim da idéia da utopia representa colocar em discussão os modelos socialistas, ditos por Marcuse, superados. Desta forma, o autor traz à tona a discussão da situação determinística de considerar algum projeto irrealizável. De acordo com Marcuse, um projeto só pode ser considerado irrealizável quando estiver em contraposição com às leis científicas, biológicas, físicas ou de qualquer outra ordem que já se encontre legitimada. Por exemplo, a idéia da eterna juventude. Portanto, um projeto de transformação social não pode ser considerado irrealizável simplesmente porque não se conhecem realizações históricas anteriores ao mesmo. No seu relato - que se aproxima dos pressupostos fundamentais do conceito de desenvolvimento sustentável - é "*possível, a eliminação da pobreza e da miséria; possível, a eliminação do trabalho alienado; possível, a eliminação do que eu chamei surplus repressão*".¹³⁰ Há que se

¹²⁷ Herbert Marcuse (1898-1979).

¹²⁸ MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Tradução Giasone Rebuá. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

¹²⁹ *Idem*. *O Fim da Utopia*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

¹³⁰ Surplus: O Petit Robert dá como sinônimo os termos: excedente, excesso, resto. In :ROBERT, Paul. *Dictionnaire Alphabétique & Analogique de la Langue Française*. Paris: Le Robert, 1981. Poderíamos traduzir a expressão por: *repressão exacerbada, excesso de repressão*.

exercer uma ruptura para a implementação deste leque de possibilidades com o surgimento de necessidades vitais de liberdade. Assim disserta Marcuse.

A sociedade repressiva reproduz as necessidades que ela própria estimula e satisfaz, formando, desta maneira, um ciclo retroalimentador. Marcuse encontrava certa esperança de uma nova consciência dos excluídos do sistema dominante, entre eles os estudantes, as minorias raciais, os sem teto e as mulheres.

Até 2050, de acordo com Fernando Almeida, em seu livro *Os desafios da Sustentabilidade*¹³¹ a população mundial poderá atingir nove bilhões de pessoas. Portanto, se for mantido o atual padrão de desenvolvimento global, mais dois ou três bilhões estarão vivendo na pobreza. Segundo o autor, o dilema que hoje enfrentamos tem, de um lado, a demanda de energia para *desenvolver a economia e reduzir a miséria*, e, por outro lado, assumir o risco de intensificar catástrofes.

*O discurso da Sustentabilidade nasce no vácuo das utopias.**

O que se pretende demonstrar, a respeito do discurso da sustentabilidade, é a ausência de um projeto de real transformação da sociedade. Nas utopias revisitadas, no segundo capítulo desta tese, este projeto se encontra presente. Apesar das utopias estarem configuradas em diferentes formatos, existe a evidência de um projeto social transformador.

A utilização generalizada - algumas vezes até banalizada - da *sustentabilidade* como ícone em nosso tempo nos leva a questionar se a sensação do desamparo que nos persegue nos induz a elaborarmos um manual de possível sobrevivência. Porém, este manual revestido de procedimentos *sustentáveis* introduz selos de suposta credibilidade para aqueles que navegam nos arquipélagos do poder.

De acordo com Marcuse, a fome e a miséria do mundo são resultantes da organização socio-política do mundo. Sendo assim, insinua que esta organização é o que ele denomina *surplus repression*. Cf. MARCUSE, Herbert, *op. cit.*, p.16 -17.

¹³¹ ALMEIDA, Fernando. *Os Desafios da Sustentabilidade: uma ruptura urgente*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, *passim*.

* Observação feita pela Prof^ª. Dr^ª Denise B. Portinari.

Prosseguiremos nossa reflexão, atravessando os meandros do Mal-Estar da Civilização¹³², escrito por Freud. Nesta obra, o autor não está preocupado em especular sobre uma sociedade ideal e, sim, sobre as vivências inerentes à condição humana na civilização.

Voltar-nos-emos, portanto para uma questão menos ambiciosa: a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade e assim permanecer.¹³³

De acordo com o pensamento freudiano, esta intenção pressupõe uma ausência de sofrimento e de desprazer, e uma experiência de intensos sentimentos de prazer. Felicidade, portanto, estaria relacionada ao programa do princípio do prazer. Mas não há possibilidade alguma, conforme disserta o autor, deste programa ser executado pois ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha incluída no plano da “Criação”. Felicidade deve ser, assim, entendida como uma manifestação episódica.

Ao mesmo tempo em que disserta sobre o desdobramento das condições que conduz o ser humano ao sofrimento, Freud enuncia várias possibilidades de defesa a esta situação, sendo uma delas o isolamento, a *felicidade da quietude*. Desta forma, para sermos felizes tentamos exercer uma atitude de rompimento com a realidade. O rompimento pode se efetuar através do próprio isolamento espacial, ou através das *ilusões*. Esta questão é descortinada quando o autor relata a satisfação que é obtida através da fruição das obras de arte, através da fantasia. Conforme disserta Freud, a satisfação é obtida através de ilusões e a região onde essas ilusões se originam é a vida da imaginação. Todavia, este cenário promove um afastamento passageiro dos sofrimentos e aflições da condição humana.

Na verdade, conforme relata Freud, cada um de nós persegue a felicidade e a ausência de sofrimento mesmo que seja *através de um remodelamento delirante da realidade*. Não obstante, o caminho precisa ser percorrido independente das

¹³² FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

¹³³ *Ibidem*, p.23.

escolhas efetuadas. Neste caso, Freud insinua a presença do processo utópico demarcando nossas trilhas, direcionando as escolhas que fazemos em busca da tão almejada felicidade.

O programa de tornar-se feliz, que o princípio do prazer nos impõe, não pode ser realizado; contudo, não devemos - na verdade, não podemos - abandonar nossos esforços de aproximá-lo da consecução, de uma maneira ou de outra. Caminhos muito diferentes podem ser tomados nessa direção, e podemos conceder prioridades quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo, evitar o desprazer. Nenhum desses caminhos nos leva a tudo o que desejamos.[...].¹³⁴

No livro *O Futuro de uma Ilusão*¹³⁵, a civilização humana, de acordo com Freud, apresenta dois aspectos: inclui o conhecimento que o homem desenvolveu a fim de controlar a natureza e, dela extraindo sua riqueza para satisfazer as necessidades humanas; por outro lado, insere todas as regulamentações para que sejam possíveis o relacionamento humano e a distribuição da riqueza. Mas o próprio homem pode representar riqueza em relação a outro homem, pois, neste caso, está em uso a sua capacidade de trabalho ou da sua escolha como objeto sexual. A partir dos infortúnios decorrentes destas imposições, Freud lança o argumento de que se tem a impressão de que a civilização é algo imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção.

O que podemos acrescentar ao quadro acima delineado, é a presença da fragmentação como atributo inerente da pós-modernidade. Todavia, ao mesmo tempo em que se tornam visíveis a multiplicidade de manifestações sociais, culturais e políticas, estamos regidos pelas normas da globalização. Estas manifestações podem proporcionar novas experiências no sujeito contemporâneo, por vezes angustiantes, por vezes, confortantes. Ao mesmo tempo em que nos angustia a enxurrada de informações despejada a cada minuto por todos os meios de comunicação, nos conforta a possibilidade de podermos, simplesmente, conversar com um amigo distante através de um simples e-mail.

¹³⁴ *Ibidem*, p.33.

¹³⁵ *Idem*, *O Futuro de uma Ilusão*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2001, *passim*.

O sentido fragmentário também foi apontado por Sennett¹³⁶ no que diz respeito às grandes corporações que proporcionavam empregos vitalícios aos seus empregados. “A fragmentação das grandes instituições deixou em estado fragmentário as vidas de muitos indivíduos”. Acreditava-se que o processo de desmantelamento das instituições provocaria o surgimento de comunidades e sentimentos de solidariedade. Porém, a migração tornou-se o verdadeiro ícone da era global.

Os apóstolos do novo capitalismo argumentam que sua versão a respeito desse três temas – trabalho, talento e consumo – redundava em mais liberdade para a sociedade moderna, uma liberdade fluida, uma “modernidade líquida”, na excelente formulação do filósofo Zygmunt Bauman. Meu motivo de disputa com eles não está em saber se sua versão do novo é real; as capacitações e os padrões de consumo efetivamente mudaram. O meu ponto de vista é que essas mudanças não libertaram as pessoas.¹³⁷

Levando em consideração o panorama contemporâneo, nossa reflexão está direcionada para a mobilidade, provida de grande aceleração. Nos apropriamos do conceito de Bauman¹³⁸ sobre a Modernidade Líquida para conseguirmos mergulhar neste mundo em que o grau de sucesso é medido pelo padrão de posse, consumo de bens materiais, excesso de informações e, mais ainda, envoltos que estão os homens numa descartabilidade permanente, correndo sempre em busca da próxima inovação, objetual ou virtual. Impera a aceitação do efêmero, do descontínuo e das mudanças caóticas.

Ao tema da Sustentabilidade, no campo do Design, pontuamos a relevância da tão falada globalização. A globalização, segundo Bauman¹³⁹, é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível. Podemos acrescentar que o processo de globalização provoca sentimentos diversos: mal-estares, por exemplo, pela proximidade das diferenças, pelo processo da angústia acelerativa do conhecimento e, por outro lado, uma série de bem-estares que a nossa civilização não disponibilizou para todas as populações.

¹³⁶ SENNETT, Richard. *A Cultura do Novo Capitalismo*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006, p.12, *passim*.

¹³⁷ *Op. cit.*, p.21-22.

¹³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹³⁹ *Idem*. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

A reflexão que ora empreendemos sobre o processo de globalização, invadindo o cenário contemporâneo, terá como apoio teórico o pensamento do renomado geógrafo, Milton Santos, em seu livro intitulado *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Para tanto, o campo do Design será confrontado com os três quadros apresentados por Santos a respeito do imperativo categórico da globalização.

De fato se nos permitimos escapar à crença de que o mundo apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.¹⁴⁰

O processo da globalização formatado na nossa contemporaneidade nos faz acreditar que a facilidade e a velocidade com que as notícias são lançadas na “aldeia global”, *realmente informa as pessoas*. Mas que tipo de notícias se permite colocar em pauta? O velho e sábio pensamento de que a história é sempre contada pelos vencedores, aqui no processo da globalização, também é vestida de acordo com a conveniência de quem detém o poder de anunciar a notícia. A diferença apenas se dá na velocidade com que ultrapassa os continentes.

Outro dado a ser ressaltado no processo da globalização se constitui na busca da uniformidade para criar um sentido homogêneo - de acordo com as *nações primeiro-mundistas*. Por um lado, consegue-se inculcar normas globais de comportamento, incorporando-se, inclusive, padrões estéticos. Não obstante, as diferenças locais também são reforçadas. Estas diferenças locais, antes despercebidas, agora ficam expostas na vitrine da globalização, permitindo que o processo da alteridade ocorra, muitas vezes, de maneira violenta. Desta forma, por exemplo, religiões diversas e pensamentos fundamentalistas desencadeiam embates, sem que seja necessário o “incômodo” de pertencerem a um mesmo espaço físico. O espaço virtual proporciona, para o *bem* e para o *mal* a proximidade instantânea.

Fica claro que, de acordo com esta reflexão, o poder se instaura e se apropria das situações que melhor lhe convém, com instrumentos tecnológicos que o

¹⁴⁰ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.18.

consagram, em um mundo onde cada vez se torna mais fácil a prática das *fabulações*.

Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é o seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil. [...] Fala-se, também, no fim das ideologias, mas estamos de fato diante da presença de uma ideologização maciça, como condição essencial para o **exercício de fabulações**.¹⁴¹

Se deslocarmos nosso foco para o campo do Design, podemos assumir uma atitude, à primeira vista radical, de que o Design proporciona uma melhor qualidade de vida através do projeto de múltiplos artefatos, quando o que importa, acima de tudo, é a manutenção da produção de mercadorias.

Fala-se que o Design atende a necessidades, quando sabemos que estas são construídas a revelia do sujeito e incorporadas a sua vida como inexoravelmente essenciais. Inventadas, como fábulas. Por vezes, até prazerosas.

A despeito de todas as facilidades e prazeres que o processo da globalização oferece para a sociedade contemporânea, ela está se impondo como uma *fábrica de perversidades*, para a maior parte da humanidade. Este cenário se configura com o aumento crescente, não só da degradação ambiental mas da degradação humana. Esta se expõe através da pobreza, dos refugiados ambientais, dos sem-emprego, enfim, dos sem-lugar.

Se ao indivíduo contemporâneo está sendo oferecido uma avalanche de objetos e informações, com velocidade cada vez mais elevada, acompanhada de alto poder tecnológico - proporcionando um salto no campo do conhecimento científico sem precedentes na história da humanidade - também está sendo disponibilizado um *alto grau de angústias, egoísmos, cinismos e corrupção*. Por conseguinte, a perversidade se apresenta empacotada por uma embalagem que engana o nosso olhar.

Ao nos reportarmos pontualmente para o Design, estando ele a serviço da economia de mercado, apontamos sua colaboração para que o papel de comando atribuído aos objetos se torne exacerbado. Este comando é introduzido em ritmo crescente, ultrapassando o projeto do objeto, para se instalar na

¹⁴¹ *Ibidem*, p.19.

construção de *cenários* do nosso cotidiano. Tudo se torna “Design”: do cheiro que se deve cheirar¹⁴² à estética que se deve engolir.

Entrelaçado ao processo da globalização emerge um outro componente que circula velozmente no setor produtivo: a customização. A possibilidade que é oferecida ao sujeito de obter, na grande vitrine que rodeia nossas vidas, algo que o diferencie. Esta situação pode ser identificada como uma manobra para colocá-lo na roda do consumo no mercado globalizante. É tentador. Todavia, não discordamos que a customização pertence a um leque de ferramentas que permitiu tornar o sistema produtivo mais eficiente.

Apontaremos um dos segmentos do sistema produtivo pós-moderno que utiliza, sem nenhuma cerimônia, da customização: a moda. Declara que o *glamour* se identifica nos rasgos imperfeitos, nos jeans que desfiam, como velhos e surrados mas cada qual com uma aparência, propositadamente desigual. A estetização da pobreza, transgride. Porém, esta transgressão é construída pela sociedade industrial através da apropriação das representações da estrutura social dos que se encontram na base da pirâmide. Interessante esta nova *lógica*. A partir do momento em que o jeans rasgado é consagrado pelas elites, os menos favorecidos passam a assimilar este modismo a um preço que não cabe nos seus bolsos.

¹⁴² Christophe Laudamiel está acostumado a fazer apelos de cheiro desagradáveis. O perfumista sênior da **IFF** atrás do conceito da coleção baseada no filme *Perfume*, foi acusado agora por disseminar o mau cheiro da crise *sub-prime* no **Fórum Mundial Econômico (WEF)** em Davos, na Suíça, em 23 de Janeiro (de 2008).

Laudamiel criou oito fragrâncias para a ocasião, que são aspergidas nos saguões da conferência, atingindo as narinas de cerca de 2,400 delegados. O WEF pediu a ele que criasse aromas que evocassem a intimidade do encontro e ajudassem os delegados a solucionar assuntos econômicos mal cheirosos do dia.

“As fragrâncias incluem *Gigabyte*, um cheiro criado para inspirar tecnologia e otimismo, a auto-explicativa *Felicidade*, e *Geleira*, um tributo ao encolhimento da camada de gelo do Ártico. Seis continentes unem o mundo com um cheiro refrescante de verde geleira”.

No setor de design de móveis, é conhecida a cadeira denominada *Favela*¹⁴³.



Figura 13 - Cadeira Favela

Aparência e *inspiração* nos caixotes que se tornam cadeiras, por conta de uma classe empobrecida que faz uso deste objeto por não ter condições materiais de comprar uma *cadeira*¹⁴⁴. Vale lembrar que neste caso não está sendo feito uso do discurso da reciclagem de materiais, e, sim, do conceito da pobreza exposta como um valor de excentricidade. A que estética se reporta quando iludimos o menos favorecido de que seu *modus vivendi* está sendo apreciado pelas classes mais abastadas? Ou, talvez, proferindo um discurso mais “correto”, insinuaria-se que a pobreza está sendo denunciada ao mundo? Efetivamente, o discurso está esvaziado de denúncias. O caminho se inverteu. A degradação humana é apreciada como valor estético incorporada como objeto de posse - pois somente os mais abastados têm acesso a este bem. Evocando os princípios da sustentabilidade, ousaríamos afirmar que este procedimento, sim, é a imagem da degradação humana captada por um caminho inverso: sua apropriação pela economia de mercado. E é neste *nó* de discursos sobrepostos que *vagueia* a sustentabilidade.

Questionar e refletir sobre estas premissas, produzidas pela indústria de consumo, é fator condicionante ao ofício do designer.

¹⁴³ Cadeira assinada pelos Irmãos Campana - 1991. Fabricada por EDRA, Itália. (Humberto Campana - 1953, e Fernando Campana, - 1961) Disponível em: <http://www.campanas.com.br/Figura13-http://recicloteca-arte.blogspot.com/2007/08/cadeira-favela-1991-cadeira-anmona-2000.html>. Acesso 22. agost.2008.

¹⁴⁴ Neste contexto, faço referência ao artefato que corresponde às normas socioculturais.

*[...]. Este velho debate aparece com uma nova ressonância quando a estética e o utilitarismo não estão somente unidos mas também incluídos na comercialização, e todas as coisas - não somente os projetos de arquitetura e as exposições de arte mas tudo do jeans ao genes - parecem estar impregnadas de um excesso de design.*¹⁴⁵

¹⁴⁵ FOSTER, Hal. *Design and crime: and other diatribes*. London: Verso, 2002, p.17.

4.2 A (des)construção do cenário da sustentabilidade

A introdução do discurso da sustentabilidade, em todos os campos do conhecimento, poderia ser analisada como uma tentativa para se lançar uma “tábua de salvação” à crise que se encontra impregnada no panorama contemporâneo. Porém, neste subcapítulo, refletiremos com alguns pensadores que apresentam perspectivas diferenciadas para atuar neste panorama. Por um lado, desconstruindo premissas que pertencem ao modelo de mercado, e, por outro, oferecendo posicionamentos não convencionais no enfrentamento do quadro atual. Iniciaremos esta trajetória introduzindo o pensamento de C.K. Prahalad¹⁴⁶, seguido de Muhammad Yunus¹⁴⁷ e Amartya Sen¹⁴⁸. Recorreremos, no fim desta trajetória, ao pensamento de Félix Guattari¹⁴⁹ para provocarmos a reflexão, no quinto capítulo, do sujeito (re)configurado inserido no novo modelo produtivo capitalista.



Por que não conseguimos criar um capitalismo de inclusão?

C.K. Prahalad

¹⁴⁶ Professor da cátedra Harvey C. Fruehauf de Estratégia Empresarial e Negócios Internacionais The University of Michigan Business School.

¹⁴⁷ Economista bengalês. Prêmio Nobel da Paz em 1996.

¹⁴⁸ Prêmio Nobel de Economia em 1998.

¹⁴⁹ Félix Guattari (1930 - 1992) filósofo e psicanalista.

Esta pergunta representa o núcleo central do pensamento de C.K. Prahalad. O autor publicou, em 2005, um livro¹⁵⁰ bastante polêmico no qual a tese apresentada sustenta que a classe dos menos favorecidos pode ser um grande nicho de mercado. O autor provoca, assim, um olhar diferenciado sobre a questão das formas de se erradicar a pobreza. O lucro seria um pretexto maior para que as organizações, ao se deslocarem para este mercado, proporcionassem empregos, lutando contra a exclusão social, e todas as conseqüências que permeiam um quadro de conflitos que geram, dentre tantos outros, degradação ambiental e violência urbana.

Seu questionamento central é criar um capitalismo de inclusão, rompendo com uma lógica assistencialista. De acordo com seu relato, os pobres devem se tornar consumidores ativos, informados e participativos. A redução da pobreza pode resultar da criação conjunta de um mercado centrado nas necessidades dos pobres. Se 80% da população mundial vive com menos de dois dólares por dia, por que não se mobilizam recursos para a criação de soluções para a base da pirâmide? Tais recursos - na lógica capitalista - só terão sentido real se tiverem retorno positivo, com lucro nas finanças das empresas. Este foi o desafio que Prahalad se lançou para mobilizar grandes empresas em encontrar soluções urgentes para as comunidades que necessitam de ajuda, junto com ONGs que já estivessem comprometidas com estas quatro bilhões de pessoas, ao redor do mundo. Neste ponto Prahalad faz questão de acentuar que este processo “*não se trata de filantropia ou de noção de responsabilidade social*”.¹⁵¹

De acordo com o autor, a ação inovadora se dará no momento que pararmos de pensar nos pobres como vítimas, mas como potenciais empreendedores e *consumidores conscientes de valor*. Assim funciona a grande roda do capitalismo: as pessoas têm que estar inseridas no processo, como produtores e consumidores. Se o movimento não ocorrer desta forma, voltaremos aos relatórios de responsabilidade social em que as práticas sociais preenchem lacunas temporárias.

Prahalad ao se reportar sobre o pensamento reinante nas grandes empresas, ressalta que estas tem como pressuposto que “*só os países desenvolvidos*

¹⁵⁰ PRAHALAD, C.K. *A Riqueza na base da pirâmide: como erradicar a pobreza com lucro*. Tradução Bázan Tecnologia e Lingüística. Porto Alegre: Bookman, 2005.

¹⁵¹ *Ibidem*, Prefácio.viii

*apreciam e pagam por inovações tecnológicas e isto implica na questão de que a base da pirâmide não necessita de soluções de tecnologia avançada e não pagará por elas. Portanto, a BP não pode ser uma fonte de inovações”.*¹⁵² Neste ponto se estabelece o equívoco pois, o processo de inovação na maior parte das vezes, encontra-se atrelado ao pico da pirâmide: lançar no mercado grandes novidades tecnológicas para atender *aos de cima* e, posteriormente, serem absorvidas, pelos *de baixo*.

Os consumidores da BP adotam mais facilmente tecnologias novas e às vezes ainda não devidamente comprovadas porque, para eles, nada ficou de melhor no passado. Adotar o telefone sem fio¹⁵³ é mais fácil para quem nunca fez parte de um mercado servido por linhas telefônicas terrestres eficientes e onipresentes.¹⁵⁴

Prahalad cita um exemplo do que ocorre em Kerala, na Índia, onde os pescadores encerram seu dia de trabalho em suas embarcações tradicionais, negociando, por telefone celular, o melhor preço pelo seu pescado. O telefone celular transformou a vida das pessoas nestas comunidades. Suas embarcações continuam as mesmas, porém, conseguem vender melhor seu produto. Não estão mais fora do mercado de negociação.

Ao focar a BP como mercado consumidor, Prahalad enfatiza características dos produtos voltados a este mercado que fazem parte de uma listagem inerente ao processo de melhoria contínua do ecodesign. Nesta listagem podemos citar a redução ao máximo do desperdício de insumos - desde a fabricação à embalagem do produto. Porém, o que o autor salienta é que *“o desenvolvimento de produtos deve começar por um profundo entendimento da funcionalidade, não apenas da forma. Modificações marginais em produtos desenvolvidos para clientes dos Estados Unidos, da Europa ou do Japão não darão certo”.*¹⁵⁵

Salientamos, neste contexto, a importância da presença do Design, de braços dados com o verbo que impulsiona seu campo: inovar. Porém, o sentido da palavra inovação ganha outro valor simbólico. A inovação, aqui, torna-se mais próxima do *invento* do que da *novidade*. Para que o produto seja absorvido pela comunidade local, é necessário levar em consideração o tipo de ambiente que

¹⁵² *Ibidem*, p.21.

¹⁵³ O autor se refere à telefonia celular.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p.27.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p.37.

este produto será inserido. Eles devem se adequar a infraestruturas diferenciadas, como, por exemplo, fortes oscilações de voltagem - quando nos reportamos a produtos elétricos e eletrônicos - ou mesmo investigar, apriori, os hábitos que permeiam a comunidade. O ato de lavar roupa à beira de riachos, ou mesmo dentro deles, requer produtos de limpeza bem diferentes daqueles que são utilizados por máquinas. Sendo assim, a pesquisa referente a heterogeneidade de cultura e nível de aptidão são fatores condicionantes para o desafio projetual inovador.

Na Índia, conforme disserta Prahalad, mais de setenta milhões de crianças sofrem deficiência de iodo, que representa uma das causas do retardamento mental. Na África, o problema é recorrente. Para os indianos a fonte principal de iodo é o sal. Apesar de consumirem muito sal, apenas 15% do total dos produtos vendidos no país são iodados. Mesmo o sal iodado, perde este conteúdo devido às precárias condições de armazenamento, transporte e tipo de cozimento. O que importa, neste relato é, em primeiro lugar a identificação do problema. O desafio em descobrir como interferir sobre a perda do iodo no sal, a curto prazo, representa agir diretamente no produto. Uma subsidiária da Unilever, HLL, desenvolveu uma tecnologia de encapsulamento do iodo em níveis moleculares. O iodo, com esta tecnologia, só é liberado quando o alimento é ingerido. O aspecto deste sal iodado, para ser comercializado, respeitou, não somente a aparência do sal já conhecido tradicionalmente, mas, também pouca alteração em seu preço final.

Outro quadro abordado por Prahalad, diz respeito às próteses que foram desenvolvidas para atender aos 5.5 milhões de amputados na Índia. A equipe do “pé de Jaipur”, liderada pelo artesão mestre Ran Chandra e pelo Dr. P. K. Sethi, médico especialista, projetou uma prótese levando em consideração não apenas o mais baixo custo, mas as condições culturais do indiano. Atividades como agachar, sentar com as pernas cruzadas, andar em terreno acidentado e andar descalço foram variáveis primordiais para o sucesso do produto. Além destes fatores, a facilidade no ajuste das próteses era importante, considerando a escassez de médicos e de ambiente hospitalar.



Figura 14 - O Pé de Jaipur

O pé de Jaipur, foi assim denominado por conta da cidade onde foi projetado. Sua tecnologia foi baseada no artesanato local utilizando métodos de produção local. Sua implementação já se estendeu por diversos países e já ajudou a mais de 900 mil amputados. Podemos encontrá-lo em diferentes localidades ao redor do mundo: Afeganistão, Bangladesh, República Dominicana, Honduras, Indonésia, Malásia, Nigéria, Nepal, Nairobi, Panamá, Filipinas, Ruanda, Somália, Sudão, Trindade, Vietnã, Zimbábue.

Designers: Master Chandra Sharma e Dr. P. K. Sethi

Jaipur, Índia, 1968¹⁵⁶

Água, energia e transporte são recursos escassos na BP. Contudo, não são problemas descartados do pico da pirâmide. O desenvolvimento de soluções inovadoras e emergenciais destes problemas para a camada que constitui a BP, podem desencadear conscientizações para algumas questões que também pertencem ao pico da pirâmide, mas, no cotidiano se tornam invisíveis. Questões

¹⁵⁶ SMITHSONIAN Institution. Cooper - Hewitt National Design Museum. *Design for the other 90%.*, New York: Assouline Publishing, 2007, p.102.

que o poder econômico anula. Podemos citar o exemplo da *abundância* da água potável, como uma das tantas ilusões que o poder de compra camufla.

Os mercados da BP representam 80% da humanidade. É razoável esperar que quatro bilhões de pessoas em busca de melhor qualidade de vida venham a constituir um dos mercados de crescimento mais vibrante da história das relações econômicas. A participação ativa do setor privado no desenvolvimento pode ser uma vitória tanto para os consumidores da BP quanto para as próprias empresas privadas. Todos nós podemos aprender. O fluxo de idéias, conhecimento e inovação torna-se-á uma rua de mão dupla – indo dos países desenvolvidos àqueles em desenvolvimento, e vice-versa. As multinacionais podem ajudar os mercados da BP a se desenvolverem. Podem também aprender com os mercados da BP.¹⁵⁷

Até aqui abordamos uma via da base da pirâmide que diz respeito à formação de consumidores conscientes de valor. Porém, de acordo com Prahalad, há que se formar empreendedores em larga escala, para que seja possível ter uma oportunidade de escapar da armadilha da pobreza. Nesta lógica, o autor aborda a possibilidade de grupos comunitários se unirem às multinacionais e empresas locais como parceiros de negócios. Importante salientar que este assunto constitui o foco central deste capítulo. Introduziremos, mais adiante, a abordagem sobre a questão das associações comunitárias como parte do processo de flexibilização do modelo produtivo capitalista para que seja possível, inclusive, se desdobrar uma reflexão sobre as intervenções efetuadas pelo campo do Design em comunidades, urbanas e rurais.

Os problemas da base da pirâmide são conhecidos, mas as soluções para a formação de empreendedores requerem uma postura inovadora. Dentre vários desafios, reconhecidos por Prahalad como soluções singulares, destacamos o caso do Banco Grameen¹⁵⁸, criado por Muhammad Yunus, em Bangladesh¹⁵⁹ que ao introduzir o microcrédito promoveu uma significativa modificação no quadro social e político do país.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.69.

¹⁵⁸ Grameen significa aldeia, vilarejo. Cf. YUNUS, Muhammad. *Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo*. São Paulo: Editora Ática, 2008, p.61.

¹⁵⁹ Em dezembro de 1971, após nove meses da Guerra da Libertação, o Paquistão oriental transformou-se em uma nova nação: Bangladesh.



Toda sociedade tem seus agiotas e nenhum programa econômico poderá deter o processo de alienação dos pobres enquanto estes permanecerem subjugados aos agiotas¹⁶⁰.

Muhammad Yunus

Em seu livro, *O Banqueiro dos Pobres*, Yunus relata sua experiência ao ter contato direto com a pobreza, a fome e a desesperança do povo de Bangladesh. Porém, concluiu que um mecanismo financeiro diferenciado deveria ser implantado para permitir a retirada deste povo que trabalhava para pagar aos agiotas, sobrando-lhes um mínimo de sobrevivência. O que eles precisavam, inicialmente, era de um capital para comprar a matéria prima para seus trabalhos. Porém, não havia nenhuma instituição financeira capaz de fornecer crédito para essa gente que resistia à pobreza extrema. Assim teve início o Banco Grameen. Empréstimo de 27 dólares a 42 pessoas. Ano de 1976.

O feito do Grameen ao conseguir dispensar o dinheiro dos doadores¹⁶¹ me leva a considerar a questão da caridade.

Quando circulamos de carro por Daca somos atacados de todos os lados por mendigos profissionais. Nossa primeira reação é dar-lhes esmola. Por que não? Por alguns tostões podemos aplacar nossa consciência. [...] Isso é útil? Não, e na maioria das vezes é até danoso.

Aquele que dá fica com a impressão de ter feito alguma coisa. Mas não fez absolutamente nada. [...] Mas, na verdade, limitamo-nos a nos livrar provisoriamente do problema. Mas por quanto tempo?¹⁶²

¹⁶⁰ YUNUS, Muhammad. *O Banqueiro dos pobres*. Tradução Maria Cristina Cupertino. São Paulo: Editora Ática, 2006, p.20.

¹⁶¹ O autor se refere ao Banco Mundial. Cf. *Ibidem*, p.36-37.

¹⁶² *Ibidem*, p.38.

Um dos fatores que diferenciou o Banco Grameen dos demais foi a preocupação de atingir a cota de representatividade de 50% de mulheres como clientes, no projeto experimental. De acordo com o autor, as mulheres apresentam maior combatividade para sair da pobreza, pois *elas* quem passam pela situação traumatizante de não poder amamentar seus filhos durante os dias de fome e penúria.

Inicialmente houve resistência por parte das mulheres em receber o empréstimo. Não cabia, em suas tradições, o comando da economia familiar. Yunus percebeu também que a formação de um grupo para conceder o empréstimo tornava a ação mais segura e as pessoas se tornavam mais estimuladas. O empréstimo, ainda hoje, é concedido individualmente, a apenas dois membros do grupo. Porém, se o pagamento for regular durante as seis semanas seguintes, *dois outros membros podem pedir empréstimo. O responsável pelo grupo é o último dos cinco a receber dinheiro.*

O que tornou o Banco Grameen estranho aos demais foi a estratégia para conquistar seu cliente. Termo hoje tão banalizado no mercado, porém, neste caso, o que teve como fator diferencial foi a certeza de que a pobreza é revestida de tantas mazelas aparentes que impedem os menos favorecidos de entrar no cenário *arquitetônico* de um banco. Desta forma, implantaram um novo modo de agir: o banco vai ao cliente, através de pessoas que pertencem ao mesmo grupo cultural. A expectativa corresponde, sobretudo, em gerar não apenas mudanças econômicas, mas sociais.

Quando as pessoas acabam por admitir que o microcrédito combate efizcamente a pobreza de Bangladesh, um dos comentários mais frequentes é:

“Incontestavelmente vocês se beneficiaram de um contexto particular, o de Bangladesh”.

Ridículo! Pelo contrário, o Grameen precisou lutar duramente para instaurar em Bangladesh uma contracultura, e muitas vezes somos considerados instigadores de uma verdadeira revolução social.[...]. Nós ajudamos as mulheres miseráveis a ganhar sua vida e a adquirir controle sobre ela de um modo que seria impensável na nossa sociedade.¹⁶³

Atualmente, o Banco Grameen empresta dinheiro para os maridos, mas apenas através das mulheres.

¹⁶³ *Ibidem*, p.184.

Conforme relata Yunus, o Grameen tendo como único objetivo libertar os indivíduos da tirania da pobreza, contribui também para a emancipação política pois as forças do paternalismo que oprimem uma população não se interessam em promover a conscientização política. Nas eleições de 1996, ocorreu uma modificação neste cenário: um número representativo de mulheres votantes se fez presente, maior que dos homens. Estas mulheres passaram a reivindicar liberdade e justiça. O autor enfatiza que o microcrédito pode não ser uma solução, mas é uma força de mudança, não só econômica e pessoal, mas também social e política.

Em 1996, o economista bengalês e seu banco ganham o Prêmio Nobel da Paz.

[...] Assim, em lugar de perdermos tempo ensinando-lhes novas habilidades, resolvemos utilizar ao máximo aquelas que eles já possuem [...] O melhor é fazer surgir uma situação que os faça sentir a necessidade de uma formação [...] Se eles próprios se financiam, vão escolher em função de suas exigências. Se são financiados, quem financia é quem faz a escolha. Esse é todo o problema.¹⁶⁴
Em 2050 eu gostaria de ver um mundo sem pobreza. [...] O único lugar onde nossos descendentes poderão “ver” a pobreza serão os museus.¹⁶⁵

Atualmente este sistema de crédito, oriundo do Banco Grameen, encontra-se implantado em 58 países, em todos os continentes.¹⁶⁶

Importante ressaltar que o autor levanta a mesma questão, já previamente discutida, sobre crescimento e desenvolvimento. Porém, sua apresentação sobre o tema está delineada na afirmação de que o desenvolvimento efetivo ocorre quando nos concentramos naqueles que representam, na fatia dos 50%, os 25% da população que se encontram na situação a mais desfavorecida. Isto porque, de acordo com seu pensamento, os grupos que compõem uma sociedade possuem, cada qual, seu próprio motor que os movimenta. A energia destes motores impulsiona a economia de toda a sociedade. Sendo assim, se os motores das camadas sociais inferiores não forem colocados em movimento, ou não se encontrarem em processo de aceleração, este acontecimento afetará a sociedade como um todo. Conclui, afirmando que o microcrédito coloca em

¹⁶⁴ *Ibidem*, p.272-274.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p.281.

¹⁶⁶ Cf. *Ibidem*, p.224.

funcionamento o motor daqueles que se encontram nos lugares mais decadentes da sociedade.

*O microcrédito levará a dar partida nos minúsculos motores econômicos da classe rejeitada da sociedade e com isso preparar o terreno para projetos mais amplos.*¹⁶⁷

A partir desta afirmação o autor faz menção a inúmeros exemplos, como a Grameen Check , empresa nacional que produz e exporta para todo o mundo algodão tecido em teares pelas mulheres de Bangladesh. Em relação à escassez de eletricidade, também foi criada a Grameen Shakti que oferece energia solar nas aldeias para alimentar telefones sem fio, iluminação, computadores e toda a sorte de produtos que entraram no cotidiano destas famílias. São empresas de infraestrutura geridas pelos que estão na base da pirâmide.

A ênfase que se aplica, neste caso, é ao trabalho autônomo. Ao invés de se atrair grandes empresas estrangeiras para a criação de empregos, estes, de acordo com o autor, são gerados a partir destas pequenas empresas autônomas e locais.

É possível criar um mundo sem pobreza? Um mundo sem cidadãos de terceira ou quarta classe, um mundo sem uma subclasse faminta, analfabeta e descalça?

Sim, é possível, do mesmo modo como é possível criar Estados “soberanos”, sistemas políticos “democráticos” ou economias de mercado “livre”.

*Um mundo sem pobreza não seria perfeito, mas seria aquele que mais se aproxima do ideal.*¹⁶⁸

¹⁶⁷ *Ibidem*, p.266.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p.333.



A eliminação de privações de liberdades substanciais, argumenta-se aqui, é constitutiva do desenvolvimento.

Amartya Sen

De acordo com Amartya Sen¹⁶⁹, na nossa contemporaneidade é imperativo que a liberdade individual seja considerada um comprometimento social. A expansão da liberdade representa, nesta concepção, o núcleo axial do desenvolvimento. Consiste, desta forma, na eliminação de tudo o que limita as escolhas e oportunidades do sujeito. E, se a liberdade representa aquilo que o desenvolvimento promove, há que se remover as principais fontes de privação de liberdade: *pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas, destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência de Estados repressivos.*

Sen¹⁷⁰ introduz a perspectiva da *capacidade* como condição apriorística para se refletir, de forma diferenciada, sobre o conceito de desigualdades. A *capacidade* que o indivíduo possui para alavancar uma ação resulta em formas diferenciadas para atingir seu bem-estar. Não obstante, nesta busca pelo bem-estar, entra em cena um segundo fator: as oportunidades reais ou *substantivas*. Oportunidades reais ou substantivas envolvem mais do que disponibilidade de recursos. Estas oportunidades não permanecem estáticas, ao alcance de todos, mas, são construídas e assimiladas de acordo com o nível de capacitação

¹⁶⁹ Prêmio Nobel de Economia em 1998. Editou uma série de Conferências sob o título *Desenvolvimento como liberdade*.

¹⁷⁰ SEN, Amartya Kumar. *Desigualdade reexaminada*. Tradução Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2001, *passim*.

carimbada no próprio indivíduo. Desta forma, Sen aponta a capacidade como um dispositivo de poder para que haja uma escolha genuína.

*“[...] a privação de liberdade econômica, na forma de pobreza extrema, pode tornar a pessoa uma presa indefesa na violação de outros tipos de liberdade”.*¹⁷¹

Nesta abordagem de Sen, não é possível iniciar qualquer análise sem que haja a certeza da integração dos fatores econômicos, sociais e políticos. O termo liberdade é por ele empregado, ao longo de sua obra, em conexão permanente com as *oportunidades econômicas, liberdades políticas, facilidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora*.

Fazendo uso do pensamento de Sen, introduzimos um exercício reflexivo sobre o processo de inovação, no campo do Design. Para que este processo contribua para o desenvolvimento, torna-se imperativo a complementaridade com o fator liberdade em seu ato projetual. Desta forma, *se a liberdade é o que o desenvolvimento promove*, para que este axioma se efetue, cabe ao campo do Design investigar os artefatos e sistemas a serem projetados que cumpram este objetivo. Sobretudo a atitude projetual que ultrapasse a ordem estabelecida, o previsível, e se volte ao inesperado, à reinvenção de hábitos.

Aqui não serão discutidas as fronteiras dos desejos e das necessidades, mas pontuaremos o que Sen apresenta como sendo as diversidades e heterogeneidades do *bem-estar*. O autor coloca a necessidade de se atribuir pesos de avaliação a diferentes componentes de rendas reais, o *bem-estar e a liberdade que delas obtivemos*. Identifica cinco cenários para apresentar esta questão:

. A heterogeneidade pessoal - as pessoas apresentam características físicas díspares relacionadas a incapacidade, doença, idade ou sexo, e isso faz com que suas necessidades difiram.

. Diversidades ambientais - variações nas condições climáticas, por exemplo, podem influenciar nas necessidades de aquecimento e vestuário, por conseguinte no nível de renda.

¹⁷¹ *Idem. Desenvolvimento como liberdade*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Editora Scwarcz, 2005, p.23.

. *Variações no clima social - a conversão de rendas e recursos pessoais em bem-estar é influenciada também pelas condições sociais, incluindo os serviços públicos, de educação, e pela prevalência ou ausência de crime ou violência na localidade específica.*

. *Diferenças de perspectivas relativas - as necessidades de mercadorias associadas a padrões de comportamentos estabelecidos podem variar entre comunidades, dependendo de convenções e costumes.*

. *Distribuição na família - O bem-estar ou a liberdade dos indivíduos de uma família dependerá de como a renda familiar é usada na promoção dos interesses e objetivos de diferentes membros da família.*¹⁷²

Os debates sobre políticas realmente têm sido distorcidos pela ênfase excessiva dada à pobreza e à desigualdade medidas pela renda, em detrimento das privações relacionadas a outras variáveis como, desemprego, doença, baixo nível de instrução e exclusão social. Lamentavelmente, a identificação de desigualdade econômica com desigualdade de renda é muito comum em economia, e as duas muitas vezes são efetivamente consideradas a mesma coisa.¹⁷³

Conforme salienta Sen, às vezes a ausência de liberdades substantivas encontra-se relacionada com a pobreza econômica, *roubando das pessoas a liberdade de saciar a fome*, de ter acesso aos serviços mais fundamentais como água tratada ou saneamento básico. Em outros cenários, esta privação à liberdade está relacionada com a impossibilidade de participação na vida política e social imposta por regimes autoritários. A segunda forma de ausência de liberdade corresponde a uma noção já assimilada pela sociedade. Porém, a primeira noção, ao relacionar a pobreza econômica e suas mazelas com a ausência de liberdade, constitui uma nova compreensão do que seja efetivamente *liberdade*.

A estreita relação entre liberdade individual e desenvolvimento social é apresentada através das influências tanto nas oportunidades econômicas e políticas, como também em fatores que condicionam a saúde e a educação. Outra variável relevante deste processo é apresentada por Sen como sendo a prática da liberdade dos indivíduos que, no seu pleno exercício, tem o poder de influenciar as instituições. O objetivo do autor se direciona na investigação desta rede de inter-relações.

¹⁷² *Ibidem*, p.90-91, *passim*.

¹⁷³ *Ibidem*, p.131-132.

Sen faz questão de enfatizar sua posição favorável à contribuição das transações e dos mercados para o crescimento econômico, porém, “*vem depois do reconhecimento da importância direta da liberdade de troca - de palavras, bens, presentes*”.¹⁷⁴

Para a nossa reflexão sobre a participação das associações comunitárias no processo do capitalismo flexível, que será desdobrada neste capítulo, é importante a afirmação de Sen a respeito da liberdade de se entrar em mercados diferenciados. A possibilidade da entrada, por si só, representa uma contribuição para o desenvolvimento. O que está em jogo faz parte do processo de liberdade, com capacidade para serem feitas as opções. Conforme salientou Prahalad¹⁷⁵, aquele que escolhe não está sujeito às imposições totalitárias sofridas por quem é escolhido. E, de acordo com Sen,

[...] a privação da liberdade econômica, na forma de pobreza extrema, pode tornar a pessoa uma presa indefesa na violação de outros tipos de liberdade. [...] A privação da liberdade econômica pode gerar a privação de liberdade social, assim como a privação de liberdade social ou política pode, da mesma forma, gerar a privação de liberdade econômica.¹⁷⁶

A interligação das liberdades substantivas expandidas representam o processo do desenvolvimento. A esta afirmação do autor, que permeia toda a sua reflexão, caberia indagar em que condições o campo do Design promoveria uma interferência para auxiliar na expansão destas liberdades. Sem correremos o risco de assumirmos uma atitude panfletária, salientamos a necessidade em se cuidar para que o modelo do mercado não prive o campo do Design de suas liberdades substantivas. Estas liberdades possibilitam uma atitude projetual inovadora com um suporte questionador.

E...

Como seres humanos competentes, não podemos nos furtar à tarefa de julgar o modo como as coisas são e o que precisa ser feito. Como criaturas reflexivas, temos a capacidade de observar a vida de outras pessoas. Nosso senso de responsabilidade não precisa relacionar-se apenas às aflições que nosso próprio comportamento eventualmente tenha causado [...], mas também pode relacionar-se de um modo mais geral às desgraças que vemos ao nosso redor e que temos condições de ajudar a remediar. Essa responsabilidade evidentemente não é a única consideração que pode requerer nossa atenção. Contudo, negar a

¹⁷⁴ *Ibidem*, p.21.

¹⁷⁵ PRAHALAD,C.K. *A Riqueza na base da pirâmide: como erradicar a pobreza com lucro*. Tradução Bázan Tecnologia e Linguística.Porto Alegre: Bookman, 2005. *passim*.

¹⁷⁶ *Op. cit.*, p.23. *passim*.

relevância dessa exigência geral seria deixar de lado algo fundamental em nossa existência social. Não é tanto uma questão de ter regras exatas sobre como exatamente devemos agir, e sim de reconhecer a relevância de nossa condição humana comum para fazer as escolhas que nos apresentam.¹⁷⁷

Em 11 de agosto de 2008, Amartya Sen falou, no Parlamento Indiano, sobre o tema *As exigências da justiça social*.¹⁷⁸ Nesta palestra Sen informou sobre o seu mais recente livro, a ser lançado, denominado *The Idea of Justice*.

Sen, ao dissertar sobre este tema, relata que, no sânscrito clássico, duas palavras têm o significado de “justiça”: “niti” e “nyaya”. A primeira, *niti* refere-se a comportamentos considerados corretos na esfera institucional. Já o termo *nyaya* aproxima-se de um conceito de justiça “praticada”, contextualizada.

Neste ponto de vista, os papéis das instituições, regras e organização, importantes como são, precisam ser avaliados numa amplitude e numa perspectiva mais inclusiva de “nyaya”, que está inexoravelmente ligada ao mundo que realmente emerge, não com as instituições ou regras que eventualmente temos.¹⁷⁹

A realização da justiça - no sentido de *nyaya* - não se restringe somente a uma questão de julgar as instituições e regras, mas de julgar as próprias sociedades. Por outro lado, nos termos da compreensão de *niti* temos uma abordagem denominada pelo autor de “institucionalismo transcendental”. Os arranjos sociais são idealizados, baseados numa organização perfeita. A idéia da justiça, neste contexto, representa o espelho desta sociedade ideal.

O núcleo axial da idéia de justiça, defendida por Sen, se estabelece nas comparações entre diferentes arranjos sociais e suas realizações. Muitos de seus argumentos são direcionados em remover casos de manifestação de injustiça. O foco, portanto, não se volta para a natureza da perfeição sobre os arranjos sociais justos. O que adquire relevância, neste contexto, diz respeito a implementar comparações sociais que identifiquem como uma sociedade pode se desenvolver e as terríveis injustiças serem removidas.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.321.

¹⁷⁸ Disponível em <http://cambridgeforecast.wordpress.com/2008/08/26/professor-amartya-sen-lecture-at-the-indian-parliament/>
THE DEMANDS OF SOCIAL JUSTICE. Acesso 24 set. 2008.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p.5. Tradução própria.

Atualmente, conforme sustenta Sen, o que está estabelecido na teoria da justiça é a tradição do *institucionalismo transcendental*. Ao contrário, a *perspectiva focada na realização* determina, não a busca da justiça ideal, mas, a importância em impedir a manifestação de *injustiça* no mundo. Sen exemplifica esta questão mencionando o caso da abolição da escravidão: não existia nenhuma ilusão de que o mundo se tornaria perfeitamente justo, sem a escravidão. Todavia, a abolição da escravidão impediu uma injustiça severa e um significativo avanço da justiça. Portanto, o que está em questão sobre o entendimento de *justiça*, se traduz na percepção de ações pontuais, com o objetivo de compreender melhor o mundo em que vivemos.

Voltaremos nossa atenção, refletindo sobre os fundamentos da abordagem de Sen, especificamente no campo do Design. A partir daí, o que se descortina corresponde a uma outra faceta da atitude projetual: aquela que determina ações focadas nas possibilidades da anulação de uma privação. E, se tirarmos proveito das reflexões que Sen apresenta sobre agir no impedimento das injustiças, estaríamos agindo como designers, contribuindo para a diminuição das variáveis insustentáveis do mundo contemporâneo.

Investir em atitudes projetuais que tenham como objetivo a anulação de uma privação, ou de uma injustiça, pressupõe caminhar outros *caminhos*. Caminhos do mundo real: o das desigualdades, por um lado, e do progresso alucinante, por outro. Sobrepondo-se a este cenário toda sorte de angústias, advindas dos desejos. Desejo que satisfeito, acalma, e, logo em seguida, ao se esvaziar, angustia.

A presença de Amartya Sen nesta tese interfere na noção direta das *responsabilidades*. Nos interstícios e nas dobras dos fatos reais, com investigação permanente, contextualizada, deparamos com as formulações dos problemas. Por quê? Para quê? Constituem indagações permanentes ao se configurar artefatos e sistemas *desejantes*. Resta-nos o questionamento permanente se os artefatos e sistemas que projetamos se prestam apenas para alimentar o engodo do projeto de vida...[in]sustentável. Trataremos de refletir sobre este tema, quando desenvolvermos o outro olhar para o Design, que compõe o sexto capítulo desta tese.



[...] a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia.

Félix Guattari

Abordaremos o pensamento de Félix Guattari¹⁸⁰ a partir do seu livro, as Três Ecologias.

É a relação da subjetividade com a sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento de implosão e infantilização regressiva.[...].

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo de ecosofia - entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões.¹⁸¹

Quando Guattari pontua a atenção voltada aos danos causados ao meio ambiente por processos tecnológicos diversos, imprime, por outro lado, uma nova visão à degradação que permeia nossa contemporaneidade. A ecosofia, por ele apresentada, amplia a compreensão destas questões através de três registros ecológicos: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. A introdução de uma perspectiva *ético-política* pressupõe uma dimensão revolucionária para enfrentarmos a crise ecológica. Só poderá haver resposta a esta crise ecológica se ocorrer uma autêntica revolução, tanto no

¹⁸⁰ Félix Guattari (1930-1992) filósofo e psicanalista.

¹⁸¹ GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 15ª ed. Campinas, S.P: Papirus, 2004, p.8.

campo político, como nos campos social e cultural. Supondo, desta forma, uma *reorientação de bens materiais e imateriais*.¹⁸²

O autor sustenta uma reflexão direcionada à valorização das atividades humanas pois a economia de mercado mundial insere uma padronização de valores dos bens tanto tangíveis como intangíveis. Este panorama ocorre ao mesmo tempo em que as relações sociais - como também as internacionais - encontram-se sob a tutela das máquinas que representam o poder.

Assim, para onde quer que nos voltemos, reecontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos.¹⁸³

O que cabe enfatizar, neste contexto, diz respeito à impossibilidade de abordarmos o quadro da degradação ambiental perseguindo critérios através de uma abordagem tecnicista. Abro, por conta desta questão, a contextualização no campo do Design das três dimensões constitutivas da ecosofia. O autor ao afirmar o distanciamento do campo tecnocientífico da praxis, direcionada às atividades socialmente úteis, nos permite ampliar seu pensamento e traçar um paralelo com um teórico do Design, Prof. Ezio Manzini, do Instituto Politécnico de Milão¹⁸⁴. Manzini disserta sobre as melhorias tecnológicas e a intenção do mercado produtor em aumentar a ecoeficiência de produtos e serviços. Porém, o que pode ser identificado a partir desta ação corresponde a *uma nova oportunidade de consumo aumentando a insustentabilidade dos sistemas nos quais foram introduzidos*.¹⁸⁵

Portanto, de acordo com Guattari, uma referência ecosófica poderá indicar linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios¹⁸⁶. A ecosofia

¹⁸² *Ibidem*, p.9, *passim*.

¹⁸³ *Ibidem*, p.12.

¹⁸⁴ MANZINI, Ezio. *Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Coordenação de tradução Carla Cipolla. Rio de Janeiro: E- papers, 2008. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos; v.I)

¹⁸⁵ *Ibidem*, p.44.

¹⁸⁶ *Op. cit*, p.15, *passim*.

social, por exemplo, consistirá em reconstruir o conjunto das modalidades de ser-em-grupo. Neste caso, o autor se reporta “às *mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade*”.¹⁸⁷ Guattari enfatiza a ação imperativa da retomada ecosófica. Se assim não ocorrer, assistiremos a uma escalada de perigos, tais como: *racismo, fanatismo religioso, cismas nacionalitários se desdobrando em fechamentos reacionários, exploração do trabalho infantil, opressão das mulheres...*

As catástrofes, como Chernobyl e a própria Aids, revelaram, conforme disserta Guattari, os limites dos poderes técnico-científicos da humanidade.

[...] *É evidente que uma responsabilidade e uma gestão mais coletiva se impõem para orientar as ciências e as técnicas em direção a finalidades mais humanas.*¹⁸⁸

O que Guattari defende não é a volta, romântica - através das sombras do passado - mas a recomposição dos objetivos e dos métodos do movimento social atual. De que forma poderíamos retomar o controle de situações que se transformam em catástrofes? Inicialmente, conforme ressalta Guattari, não podemos separar a natureza da cultura. Precisamos pensar de forma transversal as interações de ecossistemas e universos de referência sociais e individuais.

Para simbolizar esta problemática, que me seja suficiente evocar a experiência de Alain Bombard na televisão quando apresentou duas bacias de vidro: uma contendo água poluída, como a que podemos recolher no porto de Marselha e na qual evoluía um polvo bem vivo, como que animado por movimentos de dança; a outra, contendo água do mar isenta de qualquer poluição. Quando ele mergulhou o polvo na água “normal”, após alguns segundos, vimos o animal se encarquilhar, se abater e morrer.¹⁸⁹

Este cenário evidencia a inversão de valores que permeia o panorama contemporâneo: nos acomodamos e nesta acomodação absorvemos como referência cultural o que deveríamos rejeitar. Portanto, de acordo com Guattari, *deveríamos recompor os objetivos e os métodos do conjunto do movimento social nas condições de hoje.*

¹⁸⁷ *Ibidem, passim*, p.16.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p.24.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p.25.

Guattari cita como um dos cenários catastróficos da nossa contemporaneidade a desterritorialização selvagem do Terceiro Mundo. Esta desterritorialização, estudada em vários campos do conhecimento, surge, principalmente, a partir do processo migratório do sujeito na busca de sua sobrevivência. O sentido da palavra *sobrevivência* não está unicamente atrelada ao seu aspecto material, mas atinge aspectos culturais, espirituais e outros tantos que compõem a subjetividade.

Aqui cabe acrescentar, tendo como conseqüência também a desterritorialização, igualmente selvagem, o aparecimento de uma nova classe de indivíduos: os refugiados ambientais. Indivíduos que são obrigados a abandonar seu território impregnado de tradições e valores culturais por conta de desastres ambientais. Um bom exemplo deste quadro ocorreu quando o furacão Katrina destruiu os diques da cidade de Nova Orleans, nos Estados Unidos, em 29 de agosto de 2005 e a população ficou à deriva.

*A ONU - Organização das Nações Unidas - previu para 2010 a existência de cinquenta milhões de pessoas consideradas refugiadas devido a problemas ambientais nas regiões onde vivem.*¹⁹⁰

Outro quadro *clássico* pertencente à ecologia social, diz respeito à escravidão infantil. De acordo com Guattari, as organizações internacionais têm muito pouco controle desses fenômenos. O que torna urgente é uma mudança de mentalidades.

*“Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana”.*¹⁹¹

Guattari qualifica o capitalismo pós-industrial de *Capitalismo Mundial Integrado* (CMI). Neste, o foco de poder é deslocado das estruturas de produção de bens e serviços para as *estruturas de signo, sintaxe e subjetividade*. O exercício deste poder, de acordo com o autor, é efetuado através do controle de instâncias como

¹⁹⁰ ALMEIDA, Fernando. *Os Desafios da Sustentabilidade: uma ruptura urgente*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, p.18.

¹⁹¹ GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 15ª ed. Campinas, S.P: Papirus, 2004, p.27.

a mídia, a publicidade e também as semióticas de representação relativas à arquitetura, ao urbanismo e aos equipamentos coletivos. Por conseguinte, o Design, como parte destas instâncias, está comprometido com a estrutura do poder. Quanto a esta questão, existe alguma dúvida?

[...] Mas a época contemporânea, exarcebando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos. Não só constatamos nenhuma relação de causa e efeito entre o crescimento dos recursos tecno-científicos e o desenvolvimento do progressos sociais e culturais, como parece evidente que assistimos a uma degradação irreversível dos operadores tradicionais de regulação social.¹⁹²

Guattari insiste na possibilidade da reconstrução das relações humanas com a ação efetiva da ecologia social. Todavia, a oposição à subjetividade capitalista não deve ser efetuada apenas em suas margens. Deve ser articulada para que surjam as singularidades. Situando o campo do Design, torna-se imperativo a valorização das identidades locais, sem perdermos de vista o hibridismo, inevitável no cenário globalizante. As práticas sociais e políticas, conforme sublinha Guattari, não devem trabalhar apenas para um reequilíbrio capitalista e, sim, para a humanidade.

Assim sendo, deparamos com dois cenários: aquele que pertence à nossa atualidade - com o desemprego em escala ascendente, resultante das grandes transformações tecnológicas do sistema produtivo, a marginalidade, a solidão, as angústias e todas as formas de degradação humana. O outro cenário, proposto pelo autor, se direciona a um enriquecimento dos modos de vida e da sensibilidade. Este enriquecimento consistiria numa reapreciação acerca da finalidade do trabalho e das atividades humanas. Critérios diferentes daqueles impregnados pelo rendimento e lucro convocariam uma mobilização dos indivíduos e dos segmentos sociais. O autor aponta que não pretende propor um modelo de sociedade. Todavia, que sejam assumidos *componentes ecosóficos para a instauração de novos sistemas de valorização*, como a “rentabilidade” social, valores existenciais, estéticos e os valores de desejo.

“A violência e a negatividade resultam sempre de Agenciamentos subjetivos complexos: elas não estão intrinsecamente inscritas na essência da espécie

¹⁹² *Op. cit.*, p.30.

humana, são construídas e sustentadas por múltiplos Agenciamentos de enunciação".¹⁹³

O núcleo axial da ecologia social seria o da transição da sociedade capitalística da era da mídia para uma era *pós-mídia* - compreendida por Guattari como uma reapropriação da mídia com o objetivo da ressingularização. No processo da ressingularização o autor acentua que os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes.

"Subjetividade da ressingularização capaz de receber cara-a-cara o encontro com a finitude sob a forma do desejo, da dor, da morte".¹⁹⁴

Sobre a questão da ecologia da ressingularização, ressaltamos o pensamento do autor quando se refere aos empreendimentos individuais e coletivos. Estes empreendimentos podem não trazer proveito a curto prazo, porém, são essenciais para o enriquecimento processual da humanidade. *É o conjunto do futuro da pesquisa fundamental e da arte que está aqui em causa*.¹⁹⁵

Guattari finaliza as Três Ecologias - que ele denomina de ensaio - dissertando sobre a instauração da subjetividade, de forma transversal, tanto no meio ambiente como também nos grandes Agenciamentos sociais e institucionais.

[...] e, simetricamente, no seio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo. A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos.¹⁹⁶

¹⁹³ *Ibidem*, p.42-43.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p.54.

¹⁹⁵ *Ibidem*, *passim*.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p.55.

Os pensadores, aqui apresentados, não pertencem diretamente ao campo do Design. Todavia, o que se pretende é arregimentar fundamentos que nos permitam desconstruir o discurso da sustentabilidade e tornar visível este sujeito (re)configurado, inserido no cenário atual, para evitarmos nos afundar, completamente, em terrenos movediços. Ao campo do Design cabe a construção de terrenos menos superficiais, que possam contribuir, tanto para as liberdades substantivas como para a autonomia criativa.